

## Dissonâncias femininas: trajetórias desviantes das musicistas-professoras inseridas em espaços masculinos

### Comunicação

#### GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

*Rayssa Claudino de Melo*  
*Universidade Federal da Paraíba*  
*rayssacm@hotmail.com*

**Resumo:** Esta comunicação apresenta um recorte bibliográfico de uma pesquisa de mestrado em andamento, com foco na atuação feminina na docência técnica e superior em música inseridas em áreas predominantemente masculinas. Com a proposta de identificar concepções, motivações, limites das experiências musicais e docentes, tem como objetivo geral compreender como professoras de nível técnico ou superior de instituições da região Nordeste do país percebem seus percursos de formação musical e experiências em suas áreas, bem como as significações de suas atividades na composição, regência ou prática instrumental predominantemente masculina. Consiste em uma pesquisa qualitativa, com metodologia da História de Vida Musical, na qual será utilizada a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados empíricos. Com referencial teórico da Educação Musical e da Sociologia, com destaque à divisão sexual do trabalho e as teorias de Pierre Bourdieu, a pesquisa bibliográfica aqui apresentada dará suporte à etapa da análise da trajetória de vida musical das professoras no contexto dos seus espaços de trabalho. Como resultado parcial das discussões, refletimos que as musicistas, através de trajetórias sociais desviantes, alcançam a condição de “estar” musicistas-professoras, ao invés de “ser”, pois, para pertencerem ao subcampo, precisam se adequar ao pensamento, valores e trabalho nos moldes ditados pelos homens, os agentes dominantes. Alimenta-se então um sistema de disposições conformadas, as quais estabelecem uma educação musical do ensino técnico/superior continuamente pautada nas formas já cristalizadas, com pouca visibilidade feminina.

**Palavras-chave:** Ensino técnico e superior de música, Musicistas-professoras, Trajetórias sociais

### Introdução

Esta comunicação, derivada de uma pesquisa de mestrado em andamento na área de Educação Musical, apresenta um recorte bibliográfico da etapa até então realizada. Consiste em uma pesquisa qualitativa, com foco em mulheres docentes de música, inseridas no ensino técnico e superior, em áreas cuja presença feminina é minoritária.

Seguindo a ideia de conhecer as significações do estudo e da docência musical por mulheres, estabelecidas profissionalmente na música pela via acadêmica, porém ocupando espaços predominantemente masculinos, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: *Como professoras de ensino técnico ou superior em composição, regência ou instrumentos pouco tocados por mulheres percebem suas formações e trajetórias de vida musical, na região Nordeste do Brasil?*

Para responder esta questão, propomos como objetivo geral: Compreender como professoras de nível técnico ou superior de instituições da região Nordeste do país percebem seus percursos de formação musical e experiências em suas áreas, bem como as significações de suas atividades na composição, regência ou prática instrumental predominantemente masculina. Deste objetivo, desdobram-se quatro objetivos específicos: i) Discutir o contexto social, cultural, simbólico e ideológico sobre gênero e fazer musical por mulheres, bem como o contexto da docência técnica e superior em música; ii) Identificar as expectativas, motivações e aspectos relevantes que marcam a trajetória de vida musical de cada professora; iii) Analisar as significações de sua relação com a música em diferentes momentos de sua vida, especialmente em seus estudos musicais e sua atuação profissional na docência técnica ou superior; iv) Analisar os possíveis limites das experiências musicais e profissionais destacados pelas professoras em suas áreas de atuação.

Tendo como metodologia o uso da História de Vida, mais especificamente a História de Vida Musical (Penna; Silva, 2025), a pesquisa tem a entrevista narrativa, de caráter autobiográfico, como fonte de coleta de dados, proporcionando assim o conhecimento das trajetórias de vida das musicistas-professoras. Essa metodologia possibilita conhecer a experiência individual, permeando as subjetividades das suas vivências e, desse modo, compreendendo o percurso de formação musical dessas mulheres através de suas trajetórias de vida, experiências que influenciaram e influenciam suas práticas profissionais.

Para responder à questão e atender aos objetivos propostos, partimos das proposições teóricas da educação musical e da sociologia, trazendo a divisão sexual do trabalho e seus desdobramentos, bem como os conceitos de Pierre Bourdieu sobre *habitus*, capital, campo, focando sobretudo na ideia das trajetórias e na reconversão.

Cientes de que os estudos de gênero incorporam a interseccionalidade – conjugação entre gênero, classe e raça –, assim como a sexualidade e as pessoas transgênero ou não-binárias, não é nosso foco debruçar sobre esta seara, temáticas que merecem estudos mais aprofundados dentro da área da educação musical.

## **Divisão sexual do trabalho musical**

No âmbito do nosso estudo, a realidade da docência nos espaços de cursos técnico e/ou graduação expõe uma educação musical do ensino superior como “um campo no qual as dinâmicas de estratificação e exclusão são refletidas e reforçadas, ampliando, simultaneamente, o efeito da reprodução cultural” (Weber, 2023, p. 5). Frutos dessa reprodução cultural, as diferenciações de gênero nesses espaços apresentam-se sob a forma de um corpo docente majoritariamente masculino (Hernández Romero, 2010; Mota, 2019; Mariano; Schroeder, 2023; Inep, 2023, p. 10-11) e o acesso limitado das mulheres às posições de autoridade, como cargos de direção ou mesmo à própria docência universitária (Hernández Romero, 2010, p. 8).

Sendo composto majoritariamente por artistas – músicos e musicistas instrumentistas/cantores, compositores, regentes, etc. –, o ambiente acadêmico da música mimetiza o ambiente musical fora dele, tanto nas práticas pedagógicas quanto nas práticas sociais de controle e disciplina de indivíduos. Assim, a reprodução cultural nesse meio contribui para a naturalização das condições de trabalho, bem como das hierarquizações, separações, distinções, divisões.

Enquanto divisão sexual do trabalho, dentro do contexto capitalista, a apropriação masculina das funções e atividades na música com maior valor social reflete disputas no campo musical. Trabalhos como os dos regentes, compositores e solistas (Segnini, 2011, p. 193; Coelho, 2014, p. 72-73; Coelho, Silva e Machado, 2014, p. 117-118; Santos, 2018) configuram-se como posições de destaque no meio da música erudita, lugares esses ocupados em grande parte por homens. Isso ocorre devido aos dois princípios organizadores traçados por Kergoat (2009, p. 67): princípio de separação, com a existência de trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, e princípio hierárquico, em que um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher.

Dessa maneira, o trabalho musical, seguindo os princípios da divisão sexual, de modo geral designa os homens prioritariamente à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, relacionada especialmente às funções de cuidado (Kergoat, 2009; Bourdieu, 2012; Biroli, 2018). Isso reflete na atribuição dos papéis sociais – atribuições específicas aos homens e às mulheres, com vistas às diferenciações de gênero –, os quais são constantemente “reafirmados no cotidiano da vida pública, doméstica, institucional, nas divisões do mundo do trabalho” (Müller, 2021, p. 204). Essa necessidade de reafirmação constante dos papéis de gênero se dá em razão de serem eles construções sociais, derivadas das próprias relações, as quais variam no tempo e no espaço, ou seja, podem alterar-se as concepções de trabalho reprodutivo, ou o lugar ou profissão apropriados às mulheres (Kergoat, 2009, p. 68).

A reprodução cultural, portanto, se dá na manutenção dos estereótipos de gênero, cuja naturalização alimenta a divisão sexual do trabalho e, do mesmo modo, do trabalho musical, com suas separações de atividades e instrumentos considerados “femininos” e “masculinos” (Martí, 1999; Green, 2001; Eros, 2008; Hernández Romero, 2010; Segnini, 2011; Dias, 2013; Coelho, 2014; Coelho; Silva; Machado, 2014; Piserchia, 2014).

Quanto à escolha dos instrumentos musicais, Eros (2008, p. 2), mencionando sua revisão bibliográfica de estudos sobre estereótipos de gênero na música, expõe que instrumentos como sopro e percussão são estereotipados como masculinos, enquanto instrumentos de sopro agudos – como flauta, oboé, clarinete – e de cordas agudos – a exemplo do violino – são estereotipados como femininos. Características biológicas, como “o corpo feminino, concebido implicitamente como mais frágil e leve, é percebido como empecilho ao aprendizado de instrumentos musicais grandes e pesados” (Coelho; Silva; Machado, 2014, p. 117). Também as características socialmente construídas, como “uma série de ‘mitos’ sobre gênero e música, mitos sobre o canto, a interpretação de diferentes instrumentos, a sua dificuldade ou esforço físico, as posturas mais ou menos apropriadas, o tamanho ou as possibilidades expressivas, entre outros” justificam, a princípio, os estereótipos de gênero nas escolhas dos instrumentos musicais (Hernández Romero, 2010, p. 4).

Na área da composição ocorre algo semelhante, quando se observa que, mesmo diante de um (pequeno) crescimento no número de mulheres compositoras no Brasil ao longo dos últimos séculos, concepções e significados de tempos passados – ou seja, visões restritivas

quanto à atuação e capacidade da mulher – persistem até a atualidade (Green, 2001; Hernández Romero, 2010; Freire; Portela, 2013, p. 300). Elas ainda carecem de presença e exposição no ambiente profissional da música, tendo em vista a (ainda) massiva ausência das compositoras e de suas obras nos materiais de estudos musicais e currículos das instituições, derivado de um verdadeiro apagamento das músicas compostas por mulheres nos cânones da música erudita (Loizaga Cano, 2005; Neiva, 2006; Rosa e Nogueira, 2015; Queiroz, 2017; Santos, 2018; García, 2021).

Essas crenças naturalizam a diferenciação de gênero através das práticas de separação e hierarquização do trabalho de homens e mulheres no meio musical, perpetuando-se como uma questão social. Não é, portanto, “um problema de formação profissional ou qualificação artística, nem mesmo uma questão de força física (peso do instrumento)”, já que existem mulheres, ainda que em minoria, exercendo essas atividades (Kergoat, 2001 *apud* Segnini, 2011, p. 191).

Assim, o campo musical – e também o subcampo acadêmico da música – configura-se enquanto um campo de forças (relação de constrangimento) e de lutas (jogo de disputas) entre os dominantes e dominados, cujas relações de poder são manifestadas especialmente através do maior acúmulo de capital cultural e social. Daqui se depreende a ideia de “dominação masculina”, uma dominação simbólica que estabelece a apropriação pelos homens das funções e trabalhos com maior valor social e de maior poder, fortalecendo essa classe enquanto uma espécie de comunidade tácita, que se posiciona no centro do campo e, desta posição, estabelece as “regras do jogo” (Bourdieu, 2008, p. 53).

### ***Habitus* e trajetória da musicista-professora no subcampo acadêmico-musical**

*Habitus*, no desenvolvimento da teoria bourdieusiana, apresenta-se como um conceito central, no qual se desenvolve a internalização, pelo agente, das estruturas sociais e normas culturais, na vivência social do indivíduo (agente), a partir da incorporação de crenças e esquemas de pensamento. Esse conceito tem sido utilizado em diversos estudos na área da educação musical (cf. Pereira, 2014; Souza, 2019; entre outros), como uma ferramenta que auxilia na compreensão das dinâmicas das relações sociais, em sua dupla dimensão objetiva –

condicionante, estruturante – e subjetiva – efeito da condição, com capacidade de também alterar a estrutura social, estruturada estruturante (Bourdieu, 2007a, p. 191).

O *habitus* existe em um corpo – que se posiciona e ocupa um espaço social, e que também incorpora o mundo social –, e influencia a percepção do indivíduo e do seu grupo (*conluio implícito*) na sua posição dentro desse espaço social, refletindo também em suas ações. Dessa forma, o *habitus* estrutura o mundo, e também é estruturado por ele. As formas de incorporação, que são capazes de modificar o corpo ocorrem pela educação, derivada do que Bourdieu chama de “ação pedagógica cotidiana”, com destaque às transações afetivas desse corpo com o ambiente social, a exemplo da aprendizagem da masculinidade e da feminilidade, inscrevendo a diferença entre os sexos nos corpos (Bourdieu, 2007b, p. 172-177). O *habitus*, portanto, é produto de uma aquisição histórica, exercendo um peso do passado que, através da incorporação pelo agente, contribui para condicionar o comportamento individual que, em relação estabelecida com as forças do campo situado, resulta em sua trajetória provável (Bourdieu, 2008, p. 71).

Enquanto um sistema de disposições duráveis e transponíveis, o *habitus* não é determinante, podendo se modificar ao longo da vida do indivíduo, sendo possível, dessa forma, haver trajetórias desviantes. Entendendo que a história de vida leva à construção da noção de *trajetória*, Bourdieu a define “como uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (Bourdieu, 2008, p. 81). Enquanto um movimento, as trajetórias sociais levam o indivíduo de uma posição a outra, no espaço orientado e em uma determinada temporalidade, configurando-se, portanto, como uma análise eficiente dos processos de sucessão anteriores ao próprio ingresso do indivíduo em sua profissão – e revelando o peso da socialização primária, tanto na aquisição dos capitais (econômico, cultural, social; cf. Bourdieu, 1989, p. 134) quanto na conformação do *habitus*.

Sendo assim, podemos falar nas trajetórias musicais e docentes de mulheres inseridas nesses espaços (musical e acadêmico, ou acadêmico-musical), uma vez que, neste subcampo específico, a maioria das seleções para ingresso de professores em instituições de ensino musical exige, dentre as etapas estabelecidas, além da prova didática, a prova prática de instrumento/regência ou portfólio do compositor. Dessa maneira, a atividade docente

apresenta a figura do “músico-professor”, tendo em vista a natureza epistemológica multidisciplinar do subcampo acadêmico-musical, resultando na interseção e multiplicidade do saber pedagógico-musical (Requião, 2002; Souza, 2019; Brasil; Caetano; Paz, 2021).

A musicista-professora, tendo rompido algumas barreiras – familiares, sociais, culturais – para exercer sua profissão, desviou-se da divisão sexual, dos estereótipos de gênero e dos papéis sociais atribuídos ao feminino ao transcender o *habitus* de sua classe<sup>1</sup> e estabelecer o sentido de sua trajetória. Utilizando-se de estratégia de ascensão social, ela realiza o que Bourdieu (2007c, p. 102) chama de *reconversão*, na transformação do capital detido em outro capital, e assim realizando uma mudança de trajetória, com vistas a aquisição de legitimação e poder. Divergindo da trajetória modal<sup>2</sup>, a compositora, a regente, a instrumentista que toca instrumentos majoritariamente executados pelos homens, todas elas tiveram seus condicionamentos sociais – condicionando suas posições ocupadas no subcampo – articulados às suas próprias experiências sociais – locais em que as possibilidades se efetivaram.

## **Reflexões iniciais sobre as musicistas-professoras na docência a partir da literatura**

Com o objetivo de compreender os percursos de formação e experiências musicais, de modo a alinhar as trajetórias pessoal, profissional e percurso formativo à atuação docente da mulher que atua em espaços predominantemente masculinos, inicialmente pesquisamos na bibliografia, parte dela aqui exposta, com ênfase nos conceitos apresentados por Pierre Bourdieu. Sua teoria, juntamente com as referências da educação musical, tem nos dado subsídios para compreendermos o subcampo e as trajetórias das participantes da nossa pesquisa.

Dessa forma, propomos conhecer as dimensões subjetivas considerando a rede de significados e relações de poder que envolvem as professoras do ensino técnico/superior,

---

<sup>1</sup> Classe é entendida, pelo pensamento bourdieusiano, como uma posição relacional, enquanto um condicionamento da experiência social, observada a partir da identificação das estruturas que dão origem (e alimentam a partilha) às disposições comuns (*habitus*). O sociólogo afirma que as propriedades de gênero são indissociáveis das propriedades de classe (Bourdieu, 2007c, p. 97-102).

<sup>2</sup> Trajetória provável; trajetória seguida por um mesmo grupo, uma classe semelhante. (Bourdieu, 2007c, p. 104)

partindo dos princípios da divisão sexual do trabalho. Entendemos que existem processos de generificação<sup>3</sup> e gendramento<sup>4</sup> que influenciam também o subcampo acadêmico-musical, ainda que não tenhamos identificado, até o momento, as referências paradigmáticas que o constitui, nesse aspecto específico das disputas de gênero, uma vez que nossa pesquisa ainda se encontra em fase inicial.

Contudo, compreendemos que o subcampo da docência técnica e superior de música nos segmentos delimitados nesta pesquisa está configurado por sua maioria masculina, que desempenha um papel dominante. Dessa maneira, a musicista que deseja ingressar e permanecer como professora nesse subcampo – e ser aceita como musicista-professora – depende da “permissão” dos professores (homens) dominantes, para que ela “esteja” professora. Se ela conseguir estabelecer-se seguindo suas regras, ou seja, adequando-se ao pensamento, aos valores e ao trabalho nos moldes ditados no subcampo, ela passa a pertencer, e a atuar-estar na condição de musicista-professora, mas dificilmente “ser”, em seu âmago.<sup>5</sup> Isso porque os princípios de separação e hierárquico do trabalho, engendrados na sociedade e inculcados em cada indivíduo (*habitus*), dispõem-se enquanto lei fundamental, endossando a estrutura simbólica dessa dominação. Alimenta-se, assim, um sistema de disposições conformadas, com musicistas-professoras desenvolvendo uma lógica própria, racionalizada, porém socialmente condicionada ao subcampo em que se inserem.

Essa dinâmica tem implicações práticas na educação musical do ensino técnico/superior, na medida em que favorece a dominação e a conservação das formas já enraizadas de ensino musical e da construção dos currículos dos cursos de música. Esses possuem práticas pautadas na disciplina, na técnica e nos cânones da música erudita ocidental europeia (Pereira, 2014; Queiroz, 2020; Penna; Sobreira, 2020), cujo repertório ainda privilegia os compositores masculinos, gerando uma “invisibilidade” do feminino (Santos,

---

<sup>3</sup> Definido como “um processo de construção social que ocorre em conformidade com as normas de gênero dominantes” (Correia *et al.*, 2024, p. 10).

<sup>4</sup> Descrição da construção e atribuição dos papéis de gênero (cf. Pinto; Carvalho; Rabay, 2017).

<sup>5</sup> Segundo o Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “ser” significa “ter como característica ou propriedade de si mesmo”, enquanto “estar” significa “ter ou apresentar provisoriamente (certa condição física, emocional, material, profissional etc.)”. Tais definições colaboram com nosso entendimento de que a musicista-professora, para “ser”, precisa expressar seus próprios pensamentos e valores, propondo-se ao movimento e à renovação em prol da ampliação das várias discussões necessárias dentro do campo, inclusive das discussões de gênero, as quais abrirão espaços para novas frentes pedagógicas e para a ampliação de mulheres nesses espaços, propiciando-lhe, finalmente, “ser” uma musicista-professora.

2018). Desta forma, inibem-se as tentativas de renovação pedagógica e de discussão de gênero (e outros temas emergentes) dentro das instituições de ensino, prevalecendo a dominância masculina em tais esferas de formação musical, especificamente nas áreas em que envolvem nosso trabalho de pesquisa.

Por fim, constatamos alguns estudos envolvendo o exercício do magistério e a docência no ensino superior, porém, em menor quantidade, envolvendo a educação musical no ensino superior/técnico em música; dos estudos nesta categoria, poucos com foco no(a) docente. Ainda assim, encontramos os trabalhos de Mota (2020) e Mota e Oliveira (2021) que abordam a profissão docente pela perspectiva do gênero.

A pesquisa de Mota (2020, p. 13) investiga “o desenvolvimento profissional docente de mulheres, professoras de violoncelo, atuantes em universidades federais nordestinas, e suas concepções docentes sobre gênero e diversidade sexual”. Trazendo questionamentos referentes ao processo de formação e atuação profissional das professoras de ensino superior, permeadas pelas suas concepções de gênero e diversidade sexual, o referido trabalho – e o artigo de Mota e Oliveira (2021), dela derivado –, apesar de também se debruçar sobre as trajetórias e narrativas de formação em música, difere da nossa pesquisa. Tendo em vista que pretendemos situar as professoras no subcampo acadêmico-musical e compreender as trajetórias divergentes, pelas suas próprias narrativas, iremos identificar os capitais adquiridos ao longo da vida, a reconversão desses capitais e (possivelmente) *habitus* clivado e disputas no campo acadêmico, sem o foco na diversidade sexual.

## Próximas fases da pesquisa

Após a etapa de pesquisa bibliográfica, iremos iniciar em breve a coleta dos dados empíricos, através das entrevistas narrativas a serem feitas com as professoras que se enquadram nos critérios estabelecidos.<sup>6</sup> Assim, serão priorizadas professoras que atuam em cursos de composição, regência (com ênfase em bandas e orquestras, excluindo-se assim os corais e práticas de canto, onde é frequente ver mulheres no comando), ou prática instrumental predominantemente masculina, conforme exposto anteriormente.

---

<sup>6</sup> O projeto de pesquisa foi submetido na Plataforma Brasil, e atualmente já possui aprovação pelo Comitê de Ética – CAAE: 86150525.6.0000.5188.

Através de duas entrevistas narrativas, articuladas e complementares – sendo a primeira entrevista baseada em uma “questão gerativa narrativa” (Flick, 2004, p. 110), e a segunda baseada em roteiro flexível, preparado após a transcrição da primeira narrativa, retomando questões imanentes da entrevista anterior –, serão obtidos conteúdos subjetivos e memórias musicais mais íntimas, relevantes para a obtenção dos resultados da pesquisa. Assim, questões de gênero, da formação musical e da etapa profissional das professoras surgirão naturalmente a partir dos seus relatos, sendo analisadas posteriormente com base na literatura proposta.

Em um contexto de pesquisa qualitativa, Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95) consideram a entrevista narrativa como uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas, e sua coleta é descrita da seguinte forma:

Na entrevista narrativa, pede-se ao informante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual o entrevistado tenha participado [...] A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte a história da área de interesse em questão como uma história consistente de todos os eventos relevantes, do início ao fim. (Hermans, 1995, p. 183 *apud* Flick, 2004, p. 110).

O foco dessas coletas, portanto, será a história de vida musical de cada uma das professoras, procurando conhecer seu percurso dentro da música e suas relações com as atividades profissionais atuais, além de suas motivações e expectativas dentro de suas trajetórias de atuação. Para tanto, suas falas serão gravadas em áudio (entrevistas de forma presencial) e posteriormente transcritas em ortografia padrão, excluindo o excesso de marcadores conversacionais, respeitando, contudo, a construção das frases pelos sujeitos.

De posse das transcrições, a análise das entrevistas buscará identificar as vivências musicais que cada participante teve em suas trajetórias, através das expectativas, motivações e aspectos relevantes que marcam a trajetória de vida musical de cada professora. De posse desses dados, serão feitas as análises das significações de sua relação com a música em diferentes momentos de suas vidas, especialmente em seus estudos musicais e sua atuação profissional na docência técnica ou superior, bem como a análise dos possíveis limites das experiências musicais e profissionais destacados pelas professoras em suas áreas de atuação.

Para isso, os dados coletados serão analisados pela perspectiva da análise compreensiva-interpretativa, apresentada por Souza sob o formato de três etapas, que ele chama de Tempo: “- Tempo I: Pré-análise / leitura cruzada; - Tempo II: Leitura temática - unidades de análise descritivas; - Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva do corpus” (Souza, 2014, p. 43)

Desta forma, haverá o entrecruzamento com o suporte teórico de Pierre Bourdieu e demais fontes bibliográficas anteriormente expostas. A pesquisa bibliográfica acompanhará todo o processo de análise dos dados, dando referenciais teóricos à temática apresentada, como as questões de gênero e sociológicas, bem como questões relativas à educação musical, ou ainda questões culturais.

## Considerações finais

Pensar nas mulheres inseridas em espaços predominantemente ocupados por homens é compreender que suas trajetórias são peculiares, especialmente por seguirem na contramão dos preceitos culturais, os quais insistem em posicioná-las, estereotipá-las, atribuir-lhes papéis de gênero. Sendo minoria em seus espaços de trabalho, as musicistas-professoras enfrentam desafios ao longo dos seus percursos musicais, exercendo atividades distintas das que tradicionalmente costumamos visualizar: mulheres no violino, piano, flauta, harpa, canto.

Inseridas em espaços acadêmico-musicais de dominação masculina, as musicistas-professoras são atravessadas pelas dinâmicas de poder estruturadas pela divisão sexual do trabalho. A inserção feminina em atividades musicais “masculinas” ainda é pontual, como expõe Hernández Romero (2010, p. 4): “[...] continuam existindo poucas mulheres em determinados campos da música. Mas há diretoras, compositoras e intérpretes de certos instrumentos (tuba, trombone, trompete, contrabaixo...)”. A pesquisadora complementa sua ideia, expondo que “a maioria das mulheres coincide na falta de modelos ou referentes nestes campos, o que faz com que a maioria caminhe, no começo de seus estudos, por onde se existem modelos”.

Essa restrição ao acesso e permanência nos espaços minoritários se dá pelos mecanismos simbólicos, os quais operam tanto no plano objetivo – das estruturas

institucionais e curriculares – quanto no plano subjetivo, por meio do *habitus*, conformando disposições e expectativas de gênero e naturalizando hierarquias entre homens e mulheres no campo musical. O *habitus*, enquanto produto histórico-social, condiciona as trajetórias prováveis das mulheres na música, porém permitindo também emergir trajetórias desviantes, revelando estratégias de reconversão de capitais e rupturas parciais com os estereótipos de gênero.

Assim, as futuras etapas desta pesquisa, centradas nas narrativas das musicistas-professoras, serão essenciais para aprofundar a compreensão sobre como elas vivenciam e, eventualmente, transformam os limites impostos pelas estruturas de gênero, conciliando aspirações e expectativas sociais de gênero. Pretende-se, com isso, contribuir para a reflexão sobre os processos de formação docente na educação musical, capazes de problematizar e superar a naturalização das desigualdades de gênero que ainda marcam o campo da música no ensino técnico e superior.

As dissonâncias femininas, assim como as dissonâncias na música, geram tensões e instabilidade, necessárias para se fazer um movimento de mudança rumo à tônica.

## Referências

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior 2022 – Notas Estatísticas*. Brasília, 2023.

Disponível em:

<[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2022.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BRASIL, Anderson; CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana. Entre o músico e o professor: o percurso do reconhecimento. *Orfeu*, v. 6, n. 1, p. 1-24, abr. 2021.

COELHO, Mayara Pacheco. *O feminino entre sons e silêncio: o discurso de mulheres no cenário musical de São João Del-Rei*. 2014. 210f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2014. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Mayara%20Pacheco%20Coelho.pdf>

Acesso em: 10 jun. 2025.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. "Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas": uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 107-122, jan./abr. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/V4k4MmiDLJvfTTHMpRWLc8S/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 10 jun. 2025.

CORREIA, Ruth Almeida; BARROS, Valexa Moraes de; TOLETO, Dafne Serafim Cosendey; LEITÃO, Consuelena Lopes; TORRES, Marck de Souza. Análise dos processos de generificação a partir de estudos brasileiros: uma revisão de escopo. *PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, v.31, n. 1, p. 8-30, jan./jun. 2024.

DIAS, Diana. *A escolha do instrumento e os estereótipos de gênero: relação com a perspectiva ecológica de Brofenbrenner*. 2013. 25f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Música) – Escola Superior de Artes Aplicadas, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, 2013.

EROS, John. Instrument selection and gender stereotypes: a review of recent literature. *Update: Applications of research in music education*, v. 27, n. 1, p. 57-64, 2008.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Vanda Lima Bellard; PORTELA, Angela Celis Henriques. Mulheres Compositoras – da invisibilidade à projeção internacional. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas* (Pesquisa em Música no Brasil, v.3). Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 279-302.

GARCIA, Manuel Sancho. Compositoras en los libros de texto de eso: ausencias y retos educativos. In: CASTILLO, María Angeles Zapata; NICOLÁS, Ana María Botella; CANO, Juan Jesús Yelo. *Músicas y género: Tradiciones heredadas y planteamientos recientes*. España: Universidad de Murcia, 2021. p. 138-158.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Madrid: Ediciones Morata, 2001.

HERNÁNDEZ ROMERO, Nieves. A influência da educação na transmissão de papéis sociais associados ao gênero. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2010.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 90-113.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena. *et al.* (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 67-75.

LOIZAGA CANO, María. Los estudios de género en la educación musical: revisión crítica. *Musiker*, 14, p. 159-172, 2005.

MARIANO, Hugo Romano; SCHROEDER, Jorge Luiz. O conservatório mediante a corporalidade musical e os estudos de gênero. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 33., 2023, São João Del-Rei. *Anais [...]*. São João Del Rei: ANPPOM, 2023. Disponível em: <<https://anppom-congressos.org.br/index.php/xxxiiicongresso/33congr/paper/view/1438/1031>>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MARTÍ, Josep. Ser hombre o ser mujer a través de la música: una encuesta a jóvenes de Barcelona. *Horizontes Antropológicos*, v. 5., n. 11, p. 29-51, 1999.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. *Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo*. 2020. 155f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos; OLIVEIRA, Mário André Wanderley. Gênero e sexualidade na formação e atuação em música: um estudo com duas professoras universitárias de música. *Revista da Abem*, v. 29, p. 317-336, 2021.

MÜLLER, Vânia. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. *Revista da Abem*, v. 29, p. 199-213, 2021.

NEIVA, Tânia Mello. *Cinco mulheres compositoras na música erudita brasileira contemporânea*. 2006. 286f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano!: autobiografar é um processo civilizatório. *In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (Orgs.). Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PENNA, Maura; SILVA, Rodrigo Lisboa da. “Conte sobre sua relação com a música”: pesquisando com narrativas (auto)biográficas na Educação Musical. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 26, p. 1-32, 2025.

PENNA, Maura; SOBREIRA, Silvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. *Opus*, v. 26, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2020.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e *habitus conservatorial*: analisando o currículo. *Revista da ABEM*, v. 22, n. 32, p. 90-103, jan./jun. 2014.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 10, n. 22, p. 47-58, maio/ago. 2017.

PISERCHIA, Paola. Educação musical e gênero: formação do professor/professora de música. In: SOARES, José; SCHAMBECK, Regina Fink; FIGUEIREDO, Sérgio (Orgs.). *A formação do professor de música no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. p. 117-125.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. *InterMeio*, v. 23, n. 45, p. 99-124, 2017.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v. 10, n. 1, p. 153-199, jan./jun. 2020.

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. *Revista da Abem*, v. 7, p. 59-67, 2002.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. *Revista Vórtex*, v. 3, n. 2, p. 25-56, 2015.

SANTOS, Thais Fernandes R. A (in)visibilidade do feminino na música erudita brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, PODER E VIOLÊNCIA, 3., 2018, II. *Anais [...]* Disponível em: <[https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/1\\_anais\\_do\\_iii\\_engenero\\_textos\\_completos.pdf](https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/1_anais_do_iii_engenero_textos_completos.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura do trabalho intermitente no campo da música. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3895/3576>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr., 2014.

SOUZA, Euridiana Silva. *Da arte de (re)posicionar-se: educação musical superior e construções de identidades profissionais de bacharéis em música que atuam no ensino*. 2019. 260 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.



Educação Musical, Mundo do Trabalho  
e a Construção de uma Sociedade Democrática

Curitiba | 03 a 07 de novembro  
2025

WEBER, Luiz Fernando. Inspirando uma mudança em notas sociológicas: o docente como agente no ensino superior de música. *Revista da Abem*, v. 31, n. 1, p. 1-18, 2023.

